

Misticismo caricato e sexualidade insinuada na telenovela *Da Cor do Pecado*

Tess Chamusca Pirajá¹

Resumo:

O presente trabalho apresenta uma versão inicial da análise do personagem Pai Gaudêncio na telenovela *Da cor do Pecado*. Faz parte de um projeto de pesquisa desenvolvido pelo grupo CUS (Cultura e Sexualidade) sobre a representação dos personagens homossexuais, lésbicas, bissexuais, transgêneros e intersexo nas telenovelas da Rede Globo e no teatro baiano, que tem como referencial teórico a Teoria *Queer*. Desenvolvendo uma análise pautada majoritariamente no estereótipo do pai-de-santo, concluímos que o personagem é representado de modo debochado e caricatural.

Introdução

Este texto apresenta a primeira versão da análise da telenovela *Da cor do pecado*. O trabalho faz parte da pesquisa que está sendo realizada pelo grupo Cultura e Sexualidade (CUS), que integra as linhas de pesquisa do Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (CULT), sediado na Universidade Federal da Bahia (UFBA), e pelo Núcleo de Estudos em Sociedade, Poder e Cultura (Nespec), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). O objetivo central do projeto de pesquisa é identificar e analisar a representação dos personagens homossexuais, lésbicas, bissexuais, transgêneros e intersexo nas telenovelas da Rede Globo e no teatro baiano, tomando como base as discussões sobre gênero e sexualidade empreendidas na Teoria *Queer*.

Antes de iniciar a análise propriamente dita, faremos um breve comentário sobre o contexto de criação e veiculação da telenovela que figura aqui como objeto de estudo. Escrita por um autor iniciante, João Emanuel Carneiro, *Da cor do pecado* alcançou o melhor índice de audiência entre os folhetins exibidos às 19 horas nos anos de 1994 a 2004. Segundo o Ibope, os índices foram dignos de novela das oito - 45 pontos. Números tão expressivos não eram registrados desde *A viagem* (1994). Lançada em 2005 no mercado externo, a novela foi comercializada em mais de 40 países. Por conta

¹ Jornalista, Mestranda do Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia, faz parte do grupo de pesquisa em Cultura e Sexualidade (CUS), que integra as linhas de pesquisa do CULT. E-mail: tesschamusca@gmail.com

da estréia, João Emanuel Carneiro recebeu o troféu da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) como autor revelação de 2004.

O sucesso da novela é atribuído à discussão da temática racial, às cenas de ação em que lutas marciais eram incrementadas com efeitos de computação gráfica - momentos agradáveis para uma considerável parcela do público, composta por adolescentes, aos dramas vivenciados por personagens infantis - o chamado “efeito chiquititas”² - e aos seus três núcleos de comédia. Em um deles, repleto de aventuras sobrenaturais e ambientado em São Luís (Maranhão), identificamos o nosso objeto de análise, o Pai Gaudêncio.

Apesar de não possuir um personagem homossexual, um dos núcleos cômicos da novela, que não será analisado aqui detidamente, também mantém relação com a temática. Edilásia (Rosi Campos) é uma mãe superprotetora que se esforça ao máximo para transformar seus cinco filhos em um batalhão de lutadores. No entanto, para desespero da matriarca e da família inteira, Abelardo (Caio Blat) quer ser maquiador e se comporta de um modo bastante diferente dos irmãos, que só pensam em ter músculos definidos.

O núcleo traz uma importante discussão sobre os padrões estabelecidos pela heteronormatividade e como, dentro dessa lógica, as possibilidades de se vivenciar os gêneros estão diretamente relacionadas à orientação sexual dos indivíduos. Essa seqüência supõe e institui uma coerência e uma continuidade entre sexo, gênero, desejo e prática sexual. Assim, o corpo, identificado como de um homem ou de uma mulher, determina o gênero (masculino ou feminino) e leva a uma forma de desejo (dirigido ao sexo/gênero oposto (LOURO: 2004). No caso de Abelardo, desejar a profissão de maquiador - atividade convencionalmente atribuída a mulheres e aos gays - funciona para a família como um sinônimo de ser homossexual.

Na novela, os Sardinha tentam de mil maneiras “curar” Abelardo, chegando ao extremo de, com o intuito de testar a sua “masculinidade”, amarrá-lo enquanto a assistente de palco do programa *Caldeirão do Huck*, Dany Bananinha, faz um show sensual para ele.

Em entrevista ao *Diário do Vale*, Caio Blat fala sobre os preconceitos (e aqui ressaltamos, as normas de gênero) que o autor da novela quis expor, já que o

² *Chiquititas* era uma novela argentina sobre a vida de crianças que viviam em um orfanato. Comprovando que dramas infantis obtêm altos índices de audiência, o folhetim foi exibido com grande sucesso no Brasil em cinco temporadas entre 1997 e 2001.

personagem reúne uma série de características convencionalmente díspares - é sensível, sabe lutar tanto quanto os irmãos, tem gosto pelo erudito - e só revela sua heterossexualidade perto do final da novela. Ele se apaixona por duas mulheres e acaba dividindo uma “Maria Tatame” com dois de seus irmãos.

Na entrevista, Blat conta que, em uma cena, quando o personagem questiona a mãe - "Até parece que estou querendo ser um criminoso", ela responde: "Criminoso tudo bem, mas maquiador não". A frase não é muito estranha para boa parcela da comunidade gay e se assemelha com a máxima: “Antes uma filha prostituta e um filho ladrão do que homossexuais”. A seguir, apresentamos a análise da novela. Os itens em negrito compõem a metodologia que está sendo aplicada pelo grupo de pesquisa nas telenovelas que fazem parte do nosso corpus de análise.

Dados gerais do produto

Título: *Da cor do pecado*

Diretora: Denise Saraceni

Autor: João Emanuel Carneiro, com a colaboração de Ângela Carneiro, Vincent Villari e Vinícius Vianna.

Elenco principal: Taís Araújo (Preta), Reynaldo Gianecchini (Paco Lambertini/Apolo Sardinha) e Giovanna Antonelli (Bárbara).

Elenco mais diretamente ligado com a temática homossexual: Francisco Cuoco (Pai Gaudêncio), Arlindo Lopes (Cezinha), Matheus Nachtergaele (Pai Helinho) e Vanessa Gerbelli (Maria Constância/Tancinha).

Tempo de exibição: 26 de janeiro a 28 de agosto de 2004. Ao total, foram 185 capítulos, exibidos sempre às 19h. Cada capítulo durava aproximadamente 45 minutos.

Resumo do enredo:

Numa viagem para o Maranhão, Paco, botânico e filho do empresário Afonso Lambertini, conhece Preta, moça negra de São Luís que vende ervas em uma barraca junto com sua mãe, Lita. Os dois se apaixonam e prometem ficar juntos. Porém, Paco é noivo de Bárbara, mulher de caráter duvidoso que faz de tudo para que o romance dos

dois acabe. Isso porque seu interesse maior é na fortuna que herdaria ao se casar com Paco.

Em um segundo momento da novela, após o suposto falecimento de Paco em um acidente de helicóptero e a morte de Lita, Preta vai ao Rio de Janeiro com seu filho Raí para encontrar Afonso e provar que Paco é o pai do menino. Mas Bárbara e seus comparsas impedem que a história ganhe um final feliz tão facilmente.

Em paralelo, a novela apresenta três núcleos de comédia, sendo que o objeto da presente análise está posicionado em um deles. Pai Gaudêncio é uma espécie de guru espiritual de Pai Helinho, um atrapalhado pai-de-santo maranhense, amigo de Preta, que, de início, enrola as pessoas fingindo ter visões e incorporações com a ajuda do seu assistente Cezinha. Posteriormente, ele se percebe um vidente de verdade, mas não consegue ter controle sobre os espíritos.

No primeiro momento em que Pai Gaudêncio aparece na novela, Pai Helinho pede a ele que feche seu corpo com o objetivo de não mais incorporar Feitosa, espírito encenqueiro do ex-marido de Tancinha, mulher por quem ele está apaixonado. O vidente avisa que isso poderia não dar certo. E é o que ocorre. Helinho fica livre, mas a alma penada toma conta de Gaudêncio que precisa da ajuda de Helinho para voltar a si. Por segurança, o guru dá uma pulseira ao seu discípulo atrapalhado.

Mais tarde, Helinho solicita a Pai Gaudêncio que faça alguma coisa para que Tancinha passe a amá-lo. E o pai avisa que ele precisa de um pedaço do cabelo da mulher para fazer um trabalho.

Em outro momento, Feitosa incorpora em Cezinha e Pai Gaudêncio o liberto. Mas o espírito é insistente e acaba incorporando em Tancinha. Por conta disso, o Pai é incomodado no meio de uma Convenção de Bruxos. Ele diz que precisará da ajuda de Febrônio, um espírito infernal que, incorporado em Helinho, consegue tirar Feitosa do corpo da mulher. O problema é que Febrônio resolve ficar e Tancinha parece gostar do seu jeito agressivo. Por fim, através de um encantamento, o bruxo traz Helinho de volta.

Inconformada, Tancinha pede a Gaudêncio que chame Febrônio novamente e, para alcançar seu objetivo, seduz o “pai de todos os pais”. Ele oferece a ela um pó que, por descuido, é jogado em Cezinha e não em Helinho.

O “Pai Amor” estranha o comportamento de seu assistente e descobre as armações de Tancinha para reencontrar Febrônio. Ela confessa estar apaixonada pelo espírito grosseiro e este expulsa Helinho de sua própria residência. Depois do

acontecido, o caos se instala. Gaudêncio consegue escorraçar Febrônio, Cezinha expulsa Tancinha de casa e Helinho resolve abandonar tudo e caminhar no deserto.

Tancinha fica sob os cuidados de Pai Gaudêncio. Os dois, junto com Cezinha, conseguem levar Helinho a força para casa. Febrônio retorna e Pai Gaudêncio explica que somente a mulher amada por ele, Mariinha, pode levá-lo de volta. Helinho incorpora o espírito dela. Gaudêncio resolve a situação e faz com que Tancinha e Helinho voltem a comandar seus corpos. Mais tarde ele afasta todos os espíritos de Helinho.

O “Pai amor” decide trabalhar em uma carvoaria e descobre que Cezinha, com o auxílio de Tancinha, está utilizando seu nome para atender pessoas. Ao pedir ajuda a Gaudêncio, ele ouve do guru uma triste notícia: ele também havia sido assistente e roubou a identidade de seu mestre.

Uma história pra lá de mirabolante se desdobra. Helinho descobre que Tancinha, na verdade, é o espírito de uma mulher que foi esposa de Feitosa e amante de Febrônio e se apoderou do corpo de Zuleide, cujo marido Roque está à sua procura. Mais uma vez Pai Gaudêncio aparece como salvador da pátria e promete ajuda ao esposo aflito.

Depois de frustradas tentativas de expulsar Tancinha, Roberval, um espírito sedutor, incorpora em Helinho e consegue levá-la junto com ele. Pai Gaudêncio chega a convidar Cezinha para ser seu assistente, mas ele vai para o Rio de Janeiro com Helinho para encontrar Preta.

Aspectos fixos dos personagens homossexuais:

“Posição do personagem no enredo: se é principal, coadjuvante, se faz ponta, figuração, citada ou recorrida.” (Moreno, 2001, p.167).

Pai Gaudêncio é um coadjuvante e possui relevância apenas no núcleo do Pai Helinho. Durante a maior parte da novela, as histórias do núcleo independem da trama principal. Praticamente nos dois últimos meses de exibição, os personagens de Helinho, Tancinha/Zuleide e Cezinha se integram à trama principal enquanto Pai Gaudêncio não volta a ter participação no folhetim.

“Contexto social do personagem: a que classe ele pertence” (Moreno, 2001, p.167)

Apesar de fazer parte do núcleo pobre da novela, Pai Gaudêncio não aparenta pertencer a essa classe social. Na estréia dele, Helinho irá até a sua casa para solicitar ajuda. Logo de início, uma mulher que parece ser uma criada informa que Pai Gaudêncio não atende mais clientes e quando o “Pai amor” entra na residência vemos que se trata de um lugar espaçoso e bem decorado com artigos mais sofisticados do que os que podem ser vistos na casa de Helinho, por exemplo. Mais um detalhe confirma o nosso entendimento de que o personagem não é tão desafortunado assim. Durante a mesma cena, Helinho comenta sobre o belo bordado que Pai Gaudêncio está usando e ele responde que o artigo é importado.

Cor: Pai Gaudêncio é moreno.

Profissão: O personagem é pai-de-santo e é enunciado pelos outros personagens como um vidente poderoso - “o pai de todos os pais, aquele que tudo vê”.

Aspectos da linguagem utilizada e da composição geral do personagem:

Tipos de gestualidade:

1. **estereotipada, com gestual explícito que caracteriza de forma debochada e desrespeitosa à personagem homossexual;**
2. **gestualidade típica de alguns sujeitos queer, especialmente os adeptos de um comportamento/estética camp;**
3. **não estereotipada (gestual considerado “normal” e “natural”, sem indicação de homossexualidade, inscrito dentro de um comportamento heterossexual);**

Por ser o Pai Gaudêncio um personagem de gestos afetados, mas não propriamente afeminados, que tem uma espécie de tique na fala, por vezes, desmunheca, e vive com uma galinha no colo, consideramos que ele pode ser enquadrado no perfil 1.

“Subgestualidade: compreende o vestuário, maquiagem e adereços utilizados/usados pela personagem” (Moreno, 2001, p. 167):

Pai Gaudêncio não é como a imagem do pai-de-santo que habita o senso comum: alguém que só usa roupas brancas. Ele costuma vestir uma espécie de mortalha de cores

vivas (amarelo ouro, verde, vermelho) e, mesmo quando usa branco, a indumentária possui estampas em tons de amarelo e vermelho.

Os colares coloridos são acessórios obrigatórios, além do chapeuzinho branco feito com o mesmo tecido estampado de quadrados em prata e dourado, que ele sempre usa por cima do ombro esquerdo. Além disso, utiliza uma bengala com um Preto Velho entalhado em sua parte superior. Por fazer parte de um núcleo cômico da novela, o personagem é caracterizado de forma exagerada e caricatural.

Sabemos que todo estereótipo se baseia em alguns aspectos da realidade. E, nesse sentido, é muito oportuna a fala de Reginaldo Prandi sobre a hipertrofia ritual nas religiões afro-brasileiras. O valor da ostentação ganha relevo especial, devendo o pai-de-santo apresentar-se em público com roupas vistosas e caras, preferencialmente importadas de países africanos (PRANDI: 2000). Mas, no que diz respeito ao personagem aqui investigado, o exagero se encontra no fato do traje ritualístico ser utilizado até mesmo quando ele está no quintal de casa, cuidando de galinhas. Formando um retrato bastante caricato, em nenhum momento da novela Pai Gaudêncio aparece com roupas do cotidiano, menos ornamentadas.

Análise de seqüências: “É um recurso para detalhar mais as ações de um filme (em nosso caso a telenovela ou as peças) e explicitar o seu conteúdo de forma minuciosa, como diante de uma lente de aumento.” (Moreno, 2001, p. 168):

Na cena em que Pai Gaudêncio vai até a casa de Pai Helinho para expulsar o espírito de Febrônio do corpo de Cezinha, mesmo não desejando isso, ele demonstra ter tido um envolvimento com Tancinha. Ao chegar, o vidente encontra os dois se beijando.

Pai Gaudêncio: Diga adeus ao seu plano terrestre Febrônio. Agora é o seu fim. Pra sempre! Pra sempre!

Febrônio: Até parece. Eu sei que a mãe de todos os bordados se encosta com qualquer um aqui. Quer? *(Toca no cabelo de Tancinha e faz um gesto como se estivesse oferecendo a mulher para o Pai que, de início, se faz de desentendido como se quisesse ocultar algo e depois fica constrangido com a oferta).*

Tancinha: Como é que é Febrônio? Tá pensando que eu sou o quê?

F: Uma bela de uma cabra vadia com um fogo que não se apaga nem com mil mangueiras tentando apagar.

T: Ah é? Pois então pode voltar para “as profunda”, pois se foi o meu amor que teve o poder de te trazer de volta, o meu desprezo vai ter o poder de te devolver para a casa do capeta.

(Daí em diante, começa a tocar uma música percussiva, que remete ao Candomblé, e Gaudêncio e seus colegas iniciam o ritual de expulsão. Ele parece precisar de uma comitiva de amigos esotéricos para expulsar os espíritos mais poderosos):

PG e colegas: “Volta Febrônio, volta para ‘as profunda’, onde o cão impera e o mal abunda”.

T: Adeus Febrônio. Adeus pra sempre.

(Cezinha retorna perguntando por Pai Helinho. Gaudêncio se assusta de um modo bem afetado, aponta na direção de Tancinha e responde desmunhecando):

PG: Desapareceu. Tudo por causa dessa necrófila aí.

C: Ô derrota. Pobre Pai Helinho. Vai embora Tancinha. Você já causou desgraça demais. Sua papa-defunto!

(Tancinha sai andando devagar e, antes de ir embora, olha para Pai Gaudêncio como quem pede ajuda. Ele parece hesitar, mas por fim dá as costas para ela).

Apesar de fingir não se importar com Tancinha na frente dos outros, mais tarde Pai Gaudêncio acaba abrigoando a mulher em sua casa. Essa cena é particularmente rica porque é uma das poucas, dentre as que conseguimos coletar durante a pesquisa, em que indícios da sexualidade dele se manifestam. E, ao mesmo tempo em que o personagem se comporta de uma maneira mais afetada, o desejo heterossexual se insinua.

Características gerais da personalidade do personagem: criminoso, violento, psicopata, saudável, calmo etc.:

Pai Gaudêncio é sorridente, carismático e confiável, sua vidência não é charlatanismo. Ele ocupa, na trama protagonizada por Pai Helinho, um papel de mentor, de pessoa sábia, embora, em muitos momentos, se mostre bastante atrapalhado.

Aspectos sobre a sexualidade do personagem

Personagem se apresenta (assume verbalmente) como: gay, lésbica, travesti, transformista, transexual, transgênero, intersexo, bissexual:

Pai Gaudêncio não assume verbalmente uma orientação sexual, sua sexualidade não é muito abordada na novela. A afetação dele e aparente interesse por Cezinha, ao convidá-lo para ser seu assistente, nos levaria a considerá-lo homossexual. No entanto,

o personagem também é seduzido pela voluptuosa Tancinha. Ainda assim, com base no material utilizado por nós para desenvolver a presente análise, não possuímos argumentos suficientes para falar em uma possível bissexualidade do personagem. De toda forma, não cremos ter sido uma vontade do autor da novela problematizar tal aspecto.

Em depoimento dado a *Veja-online*, João Emanuel Carneiro fala sobre o núcleo em que Pai Gaudêncio está inserido: “É a parte da novela em que eu mais me divirto ao escrever, porque não tenho compromisso nenhum com o realismo e a coerência” (VALLADARES: 2004). Aliado a isso, o jornalista Ricardo Valladares, na mesma reportagem, enfatiza que, além de relaxar o autor, o núcleo dos espíritos desempenha um papel na equação que tornou *Da cor do pecado* um sucesso extraordinário para o seu horário. “A sensual Vanessa Gerbelli atrai o público masculino, e o humor espalhafatoso das aventuras sobrenaturais atrai crianças e os espectadores das classes C e D” (VALLADARES: 2004). Dessa forma, concluímos que a expressão de Pai Gaudêncio na trama está voltada às necessidades de Pai Helinho no mundo dos espíritos e não às questões relacionadas com a sua própria história.

Em que ponto da narrativa fica claro que o personagem é homossexual?

Tendo em vista o que analisamos, a novela não oferece, em um dado ponto da narrativa, uma pista clara que revele a orientação sexual do personagem.

Como se dá a performatividade de gênero? Que normas ou conjunto de normas o personagem reitera e/ou reforça?

Em entrevista ao *Diário de Pernambuco.com.br* (2004), Francisco Cuoco fala que seu personagem é “muito vaidoso e tem momentos de afetação”. E Pai Gaudêncio encarna mesmo o estereótipo do pai-de-santo, afetado e cheio de colares e rendas, o que o coloca em relação de parentesco com o personagem Painho, interpretado por Chico Anysio e ainda mais afeminado que Gaudêncio. O personagem tem esse ar caricatural que, aliás, o próprio Francisco Cuoco fez questão de ressaltar. Em outra reportagem publicada pelo mesmo site, ele conta que, em suas primeiras cenas na novela, teve a idéia de colocar no colo uma galinha, que acabou se tornando uma espécie de bicho de estimação do Pai Gaudêncio.

Problematizando a relação entre homossexualidade e candomblé, Milton Silva dos Santos diz que

o candomblé não só atrai, mas a bem dizer propicia a filiação de homossexuais interessados na religião dos orixás. Lá encontram um território de sociabilidade onde é possível “fazer estilo criando gêneros” (Birman, 1995), bem como o acesso a uma experiência religiosa não encontrada em outras denominações. Daí a corrida *gay* em direção aos terreiros localizados nas grandes cidades (Fry, 1982; Birman, 1995; Teixeira, 2000 e outros). Todavia, não se quer provar, nem tampouco afirmar mediante os argumentos expostos, que as devoções afro-brasileiras são as únicas procuradas pelos homossexuais (DOS SANTOS: 2008, p.3).

Por outro lado, afirmar que o Candomblé é uma religião que não interfere na vida sexual de seus adeptos não significa dizer que todos aqueles que a praticam sejam homossexuais. Nesse sentido, embora o personagem e as contingências da pesquisa já citadas não nos ofereçam pistas claras sobre a sexualidade de Pai Gaudêncio, consideramos que, por seus modos extremamente afetados, ele colabora com o reforço do estereótipo do pai-de-santo afeminado e gay, já bastante explorado na televisão, como no caso de Painho, de Chico Anysio.

Resumo conclusivo e redutor sobre a representação dos homossexuais na sociedade:

Resultado 1: forte carga de estereótipos e outras características que contribuem para a reduplicação dos preconceitos e da homofobia;

Resultado 2: caracteriza os personagens com alguns elementos da comunidade queer, constrói um tratamento humanístico e contribui para o combate aos preconceitos e a homofobia;

Resultado 3: caracteriza os personagens homossexuais dentro de um modelo heteronormativo que contribui para a reduplicação dos preconceitos e da homofobia;

Resultado 4: caracteriza os personagens homossexuais dentro de um modelo heteronormativo, mas constrói um tratamento humanístico e contribui para o combate aos preconceitos e a homofobia.

Resultado 5: indica uma representação dúbia e produz dúvida sobre o tratamento dado.

Em outras novelas, a relação entre homossexualidade e misticismo foi explorada de modo mais explícito como, por exemplo, em *Mandala* (1987), de autoria de Dias Gomes. Nela, o personagem Argemiro (Carlos Augusto Strazzer) é uma espécie de guru pessoal de um homem pelo qual é apaixonado, o empresário Laio. Em nome de sua obsessão, ele acaba assassinando Cris, um jovem atlético e protegido de Laio. O fato de Argemiro ser gay, assassino e ainda praticar diversos tipos de bruxaria - jogava búzios, lia cartas, queimava incensos e incorporava espíritos - com objetivos maléficos, suscitou grande polêmica e arrancou reações da Igreja Católica, da Federação Espírita Brasileira e de militâncias LGBT até o fim da novela (PERET: 2005).

Em 1999, *Suave Veneno*, de Aguinaldo Silva, trouxe o sensitivo Uálber Cañedo (Diogo Vilela), que “representava a força mística do bem em oposição ao vilão (Fúlvio Stefanini)” (PERET: 2005). O personagem tinha a homossexualidade expressa pelos trejeitos, uso de gírias típicas da comunidade homossexual e uma afeição mal disfarçada por Claudionor (Heitor Martinez). Uálber ganha um final positivo: apesar de não ter seu amor correspondido, encontra outra pessoa e é bem sucedido na carreira.

Pai Gaudêncio, apesar de não fomentar grandes discussões entre os movimentos homossexuais, assim como Argemiro, despertou a ira de religiosos. Em entrevista ao *JB Online* (2004), o Pai Francelino de Shapanan, diretor do Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-Brasileira (Intecab), criticou os paradoxos do personagem: “A novela mostra um pai-de-santo que se veste como se fosse de uma religião afro e fala como se fosse da Umbanda. Essas religiões não incorporam espíritos de mortos”. Para ele, o pai-de-santo reforça a visão preconceituosa que as pessoas têm do Candomblé e da Umbanda.

E é por considerá-lo mesmo esse vidente caricato e afetado, que a todo o momento usa trajes excêntricos e vive com uma galinha no colo que o enquadrámos no resultado 1. Lembramos, contudo, que, devido às limitações de análise vivenciadas por nós e a não problematização da orientação sexual do personagem, já mencionada anteriormente, esse enquadramento não é tão conclusivo quanto à reduplicação da homofobia. Para nós, a representação do personagem reforça a discriminação muito mais por conta de sua religiosidade do que devido a uma possível homossexualidade.

Creemos que, no núcleo integrado pelo personagem Abelardo, João Emanuel Carneiro soube trabalhar um humor mais inteligente e provocativo, despertando reflexões sobre as normas de gênero. Já ao criar o ambiente em que Pai Gaudêncio se insere, o autor se rendeu à comédia espalhafatosa que não ultrapassa o senso comum e, por isso, reforça os estereótipos ligados as já tão mal vistas práticas do Candomblé e da Umbanda.

Referências Bibliográficas

DIÁRIO DE PERNAMBUCO.COM.BR. A viúva ferosa e o pai-de-santo engraçado. *Revista da TV*, 29/02/2004, disponível em http://209.85.165.104/search?q=cache:QDOeX0UInfIJ:www.pernambuco.com/diario/2004/03/05/revistatv6_0.html+j%C3%A3o+emanuel+carneiro+pai+gaud%C3%A2ncio&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=3&gl=br - capturado em 30 de setembro de 2008.

_____. Um primo distante do vidente Herculano. *Revista da TV*, 29/02/2004, disponível em http://www.pernambuco.com/diario/2004/03/05/revistatv6_1.html - capturado em 30 de setembro de 2008.

JBONLINE. Polêmica do além na TV. Novela 'Da cor do pecado' gera protestos de pais-de-santo. *Caderno B*, 10/04/2004, disponível em <http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/cadernob/2004/04/09/jorcab20040409007.html> - capturado em 29/10/2008.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MIRAGAYA, Fernando. Caio Blat é Abelardo, o filho diferente da severa Edilásia Sardinha de “Da Cor do Pecado”. *Diário do Vale*, disponível em: <http://www.diarioon.com.br/arquivo/3626/cadernos/tv-5694.htm> - capturado em 15 de setembro de 2008.

PERET, Luiz Eduardo Neves. *Do armário à tela global: a representação social da homossexualidade na telenovela brasileira*. 2005. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

PRANDI, Reginaldo. Hipertrofia ritual das religiões afro-brasileiras. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n.56, p.77-88, 2000.

SANTOS, Milton Silva dos. *Sexo, gênero e homossexualidade. O que diz o povo-de-santo paulista?* Trabalho apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder. Simpósio Religião, gênero e diversidade sexual. Florianópolis, 2008. Disponível em http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST30/Milton_Silva_dos_Santos_30.pdf - capturado em 17 de abril de 2009.

VALLADARES, Ricardo. Confusão do além: o núcleo de Da Cor do Pecado que não tem nada a ver com a lógica - ou com o resto da novela. *Veja on-line*, 09/06/2004, disponível em http://veja.abril.com.br/090604/p_162.html - capturado em 16 de setembro de 2008.